

## **Violência familiar e corpo infantil: o romance de estreia de Jarid Arraes**

**Daniela Birman**

Em *Corpo desfeito* (2022), primeiro romance de Jarid Arraes, a violência contra as mulheres é entendida como um ato que tem, entre seus efeitos, a repetição, a transformação e a apropriação, atingindo também crianças e meninas. Inicialmente praticada por maridos e pais, ela também é reproduzida por esposas e mães. Os caminhos perversos seguidos por esses abusos, com sua capacidade de se infiltrar em todas as relações familiares, são elaborados na obra com acuidade. Escritora premiada pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) e pela Fundação Biblioteca Nacional (FBN) pelo livro de contos *Redemoinho em dia quente* (2019), Jarid Arraes mais uma vez mostra, nesse romance, sua habilidade para a construção de vozes e personagens femininas intrincadas e originais.

*Corpo desfeito* é narrado por Amanda, de 12 anos, a mais vulnerável dos integrantes de sua família, formada pela mãe, por vô Jorge e por vó Marlene. Essa história que ela nos conta, centrada num acúmulo de abusos que sofreu da avó, não pode ser transmitida de forma isolada, pois liga-se de forma inextricável ao histórico de violências de sua casa. Por isso, a narradora opta por intercalar o seu relato com idas e vindas a um passado mais distante, sobretudo no início do livro.

Esse passado se inicia com o casamento de sua avó e avô maternos, em Juazeiro do Norte, cenário do romance. E com as constantes ameaças, agressões e desrespeitos do avô contra a esposa. “Tinha o hábito de beber e bater, ou de beber e sumir” (Arraes, 2022, p. 27), resume a narradora. A tormenta piora com o nascimento da mãe de Amanda que, segundo vô Jorge, seria fruto de um adultério. Desde então, a violência contra a esposa passa a ser reproduzida na filha, de bebê até a sua morte. “Proibia que vó trocasse fraldas, com a desculpa da economia, mas sempre queria saber se mainha estava assada. E, quando estava em casa, não permitia que ela comesse mais de uma vez ao dia, dizendo que criança precisa de pouco” (Arraes, 2022, p. 29).

Por meio da descrição dessa camada de abusos, a escritora estabelece um instigante diálogo com a nossa história literária. É importante lembrar, nesse contexto, como a imbricação do sentimento de ciúme e/ou vontade de domínio sobre a mulher com a violência já pode ser considerado um tópos da nossa literatura. Basta lembrarmos aqui

de obras célebres, como *Dom Casmurro*, *São Bernardo* e *Um copo de cólera*<sup>1</sup>, entre várias outras.

O diálogo estabelecido, contudo, não se baseia apenas nas semelhanças. Para começar, é preciso ressaltar que, nesse caso, a voz narrativa predominante é a da pré-adolescente Amanda, assim como é ela também a responsável pela seleção operada pela memória, tanto das histórias que presenciou quanto daquelas sobre as quais tomou conhecimento. A versão final, assim, é daquela que sofreu a violência da avó e que testemunhou as injustiças impostas à sua mãe. Isso difere drasticamente o livro daqueles já citados e mais ilustres, uma vez que nele o autoritarismo masculino não é dissimulado, remoído pela culpa nem apaziguado.

Além disso, nesse romance também é enfatizada a reprodução da violência sofrida pela esposa em outras mulheres, como fará a avó no romance, num ciclo infernal de ressentimento e perversidade. “No caso de vó, a raiva [de ser acusada de traição] não podia respingar no marido, então caía maciça sobre a cabeça de mainha” (Arraes, 2022, p. 35), explica a narradora. Já a menina apanhava de cinto de couro e era obrigada a se ajoelhar em carochos de milho, além de cuidar de tudo na casa desde os 8 anos. Enquanto isso sua mãe, Fabiana, se dividia entre três turnos de trabalho e, aos finais de semana, fazia serviços de costura. Desse modo, o romance de Jarid Arraes inova não apenas na escolha da voz narrativa, mas também por destacar na trama o abuso infantil.

A repetição da violência insere a leitura do romance numa rede de sentidos. De fato, ela pode ser entendida de formas variadas, não necessariamente excludentes. A mais evidente delas diz respeito à diferença geracional (e de valores) entre Marlene e a filha. Pois, se a primeira apanha calada e jamais enfrenta o marido, Fabiana não escolheu para si o papel de esposa. Além disso, ela aparentemente viveu uma fase de liberdade sexual em sua adolescência e, após abandonar os estudos, assumiu em grande parte o sustento da casa — ainda que arduamente, em três empregos desvalorizados e mal

---

<sup>1</sup> Como é bastante conhecido, devemos essa chave de leitura de *Dom Casmurro* à Helen Cadwell (2008), segundo a qual o ciúme é tratado de modo significativo em sete dos nove romances de Machado de Assis. Em “Retórica da verossimilhança”, Silviano Santiago mostra como a temática do ciúme na sociedade patriarcal do II Segundo Reinado já pode ser identificada em *Ressurreição*, romance de estreia de Machado, de 1872. “É pois o universo do amor machadiano asséptico, formal, são, rígido. É ainda masculina e burguesa a sua concepção de casamento. Amar é casar, é comprar título de propriedade. Qualquer invasão estranha nesta propriedade — amante — acarreta um curto-circuito emocional que invalida os dois primeiros termos” (Santiago, 2000, p. 31). Entre os diversos estudos comparativos do citado romance de Machado de Assis com aquele de Graciliano Ramos, lembro aqui “Dom Casmurro e São Bernardo: vozes da solidão” (Senna, 2018, p. 225-237). Destaco, por fim, a análise realizada por Lúcia Granja, na qual a confrontação entre *Dom Casmurro* e *Um copo de cólera* tem como principal fio condutor a problemática do silêncio (masculino) e do silenciamento (feminino) (Granja, 2018, p. 156-168).

pagos. Essa diferença se torna evidente num raro momento em que Fabiana, revoltada, pergunta à Marlene como ela ainda podia permanecer com o marido. A resposta não surpreende ninguém. Afinal, como ela, uma “mulher sem marido”, poderia sugerir que Marlene dispensasse o seu? “Disse que marido é coisa sagrada, casamento é coisa sagrada, é a vontade da Virgem Maria, que as esposas sejam pacientes, que aceitam sua missão” (Arraes, 2022, p. 35), conta a narradora.

O conflito entre mãe e filha ainda pode ser relacionado a uma distinção identificada pela pesquisadora Cristina Ferreira Pinto entre o romance de formação masculino e o feminino (Pinto, 1990). De acordo com ela, enquanto no primeiro caso o conflito do protagonista se dá com o pai, no segundo, em geral, ele ocorre com a mãe, que frequentemente encontra-se distante da filha, de modo físico e/ou emocional, ou mesmo ausente. Esse conflito pode se dar por duas vias: tanto pela rejeição ao modelo representado pelas figuras maternas quanto pela adoção limitada desse modelo, que precisa ser ultrapassado para que a protagonista alcance a realização, que não foi passível de ser concretizada na geração anterior.

Não proponho aqui ler *Corpo desfeito* como um romance de formação, mas as relações de Amanda e Fabiana com a figura materna podem ser mais bem compreendidas com base na análise de Ferreira Pinto. Por um lado, Fabiana se opõe ao modelo de Marlene, escolha que não a leva, porém, à realização pessoal – o que não significa que a identificação lhe propiciaria um final feliz. Já a sua filha Amanda restará uma identificação parcial com a mãe, pois essa precisará não apenas romper com a ordem conservadora e machista representada pela avó, mas a partir dessa ruptura conseguir, de fato, viver de acordo com os seus valores. Não sabemos se ela alcançará esse objetivo, mas o final abre uma brecha para esse futuro.

Uma terceira hipótese a respeito dessa reprodução da violência se baseia na suspeita de que a narradora seja filha do próprio avô, embora ela não suspeite disso e nada tenha sido mencionado nesse sentido. Essa desconfiança me parece legítima e nos ajudaria a entender tanto o ódio da avó por mãe e filha quanto o afeto que o avô chegou a nutrir pela narradora. Sem entender qual seria a razão desse afeto, Amanda chega a concluir que o avô conseguia distanciá-la da mãe devido às diferenças físicas existente entre as duas. Mais do que isso. Como nos conta, ela teria semelhanças com o avô, tanto no tom de pele quanto nos cabelos. Assim, é com base nos mesmos critérios (aparência física) que o avô, para Amanda, repele violentamente a mãe e a aceita. Embora em

nenhuma passagem Amanda explicita a possibilidade de ser filha do avô e que a casa a trate como a filha de “qualquer um”, essa observação indica uma chave de leitura que, a meu ver, não deve ser desprezada.

Até aqui, descrevemos o histórico de violências da família existente até a morte da mãe de Amanda, seguida do falecimento do seu avô. Depois dessas mortes, as agressões tomarão outro rumo. E só aí entramos no núcleo da trama. Esse novo capítulo das violências da família é centralizado nos abusos físicos, emocionais e psicológicos da avó contra a neta. Os assédios envolvem não apenas a crença religiosa, mas também a figura da mãe de Amanda, o que os reveste de uma perversidade particular.

Eles têm início com narrativas de sonhos de Marlene, sonhos que justificarão a partir de então todos os atos autoritários e abusivos cometidos contra a neta. De acordo com a avó, os sonhos são com Fabiana, que não apenas se tornou santa como começou a lhe dizer o que deve fazer para ser perdoada pelos atos praticados contra a filha e para proteger Amanda. Segundo a narradora, sua avó lhe contou que:

enquanto estava vivendo aquele luto intenso, chorando todas as noites, começou a receber sonhos enviados pelos céus. Mainha aparecia vestida como santa, com um manto azul-claro que reluzia tanto quanto o da Virgem Maria [...]. Num deles, mainha explicou para vó que toda aquela culpa precisava de perdão, e que a única forma de ser perdoada estava no esforço para manter uma vida decente e modesta. Em outro, falou sobre mim, sobre como vó deveria me proteger para que eu não fizesse escolhas ruins, porque eu devia ser pura (Arraes, 2022, p. 53).

Uma série de instruções e regras serão a partir de então paulatinamente impostas a Amanda, todas supostamente reveladas pela mãe à avó. Assim, ela não teria mais acesso na casa a nenhum tipo de distração, como rádio, televisão ou revistas; deveria manter o cabelo sempre preso e limitar suas roupas a dois vestidos, feitos de tecido áspero; e precisaria tomar três banhos de no máximo dez minutos por dia (enquanto rezava e com a porta aberta). Além disso, diariamente a narradora repetiria a reza “Santa mãe, Santa filha”: “(...) Que seus olhos acompanhem nossos corpos. Que sua boca nos conte rios de perdão. Santa Mãe, Santa Filha, que bondosa nos estende a mão. Com pureza pedimos e por pureza rogamos” (Arraes, 2022, p. 8).

Na medida em que o romance avança, as restrições e os castigos se tornam ainda mais inaceitáveis. Descritos em detalhes, sua concretude nos dá a medida da crueldade imaginada e imposta. Tal violência não é sustentável por aquele corpo ainda em formação, como tudo o mais na narradora. E Amanda, de fato, quebrará. “Eu flutuava

pairando ao redor do meu corpo curvado e vi o exato momento em que vó examinou as minhas pernas e parou de me bater” (Arraes, 2022, p. 98).

Assim, é com a força das minúcias e de seus efeitos que Jarid Arraes nos envolve em *Corpo desfeito*. Mais do que isso, nesse romance de estreia, em que revigora uma temática cara a nossa literatura, a jovem escritora revela uma capacidade não apenas de surpreender o leitor, mas de também desmontá-lo.

## Referências

ARRAES, Jarid. **Corpo desfeito**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2022.

ARRAES, Jarid. **Redemoinho em dia quente**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.

CALDWELL, Helen. **O Otelo brasileiro de Machado de Assis**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

PINTO, Cristina Ferreira. **O bildungsroman feminino**: quatro exemplos brasileiros. São Paulo: Perspectiva, 1990.

GRANJA, Lúcia. De silêncios e silenciamentos. *In*: GUIMARÃES, Hélio de Seixas; SENNA, Marta de (orgs). **Machado de Assis**: permanências. Rio de Janeiro: 7Letras, p. 156-168, 2018.

SANTIAGO, Silviano. Retórica da verossimilhança. *In*: SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 27-46.

SENN, Marta de. Dom Casmurro e São Bernardo: vozes da solidão. *In*: GUIMARÃES, Hélio de Seixas; SENNA, Marta de (orgs). **Machado de Assis**: permanências. Rio de Janeiro: 7Letras, p. 225-237, 2018.

**Data de submissão: 02/04/2024.**

**Data de aceite: 28/06/2024.**